

# Gastos sociais têm efeito contraditório, afirmam analistas

Pesquisadores dizem que desigualdade não caiu na mesma medida em que cresceu a abrangência das políticas públicas

**Aumentou o acesso da população a educação, saúde e infra-estrutura com redução do clientelismo, diz pesquisador no Cebrap**

**RAFAEL CARIELLO**  
DA REPORTAGEM LOCAL

Pesquisadores reunidos ontem para discutir a desigualdade social no Brasil concordaram que as políticas sociais implementadas no país desde ao menos o governo Fernando Henrique Cardoso têm melhorado sua qualidade e abrangência. Porém, dizem, os resultados são “contraditórios”.

O debate fazia parte do seminário “Pobreza, Desigualdade e Desenvolvimento”, promovido pela **Folha**, o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e o Institute of Development Studies, da Universidade de Sussex, na Inglaterra.

Marcus Melo, da Universidade Federal de Pernambuco, e Eduardo Marques, pesquisador do Cebrap —onde ocorreu o debate—, concordaram que uma das marcas da ampliação do acesso a serviços e políticas públicas para os pobres do Brasil nos últimos anos é a ausência de “intermediação” por lideranças políticas, religiosas



Em termos institucionais, a política social tem sido cada vez mais profissionalizada e insulada do mercado político

**MARCUS MELO**  
professor da UFPE

ou de outro tipo. Ou seja, o “clientelismo” diminui.

Marques também citou uma recente pesquisa do Cebrap que indica uma “significativa redução” nas desigualdades no acesso a serviços públicos em São Paulo e disse que a tendência nacional é de redução da pobreza nas grandes cidades.

Ainda assim, classificou os resultados como “contraditórios”, por dois motivos. A persistência de altos níveis de segregação espacial dos pobres nas metrópoles —que contribui para a reprodução da desigualdade— e o baixo crescimento da economia no período —com reflexos no nível de emprego.

Zander Navarro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defendeu propostas para a rápida redução da pobreza (leia texto ao lado) e disse que “se não há crescimento, não va-

mos a lugar nenhum”.

Marcus Melo, no entanto, classificou os resultados das políticas sociais como “pífios”. Disse que há benefícios que distribuem renda (como a aposentadoria rural e o Bolsa-Família) e outros que contribuem para manter a desigualdade.

Citou os gastos com aposentadorias de servidores públicos e o INSS e o SUS (Sistema Único de Saúde) como “concentradores”. No último caso, isso se deve ao fato de que o SUS paga por serviços prestados na rede hospitalar. Quase 80% dela se concentra no Sul e Sudeste.

Na primeira mesa de debates do dia, intitulada “Brasil: uma agenda de pesquisas sobre o desenvolvimento”, Glauco Arbix, ex-presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e Carlos Brito Cruz, ex-reitor da Unicamp, concordaram que o governo brasileiro coordena mal seus gastos para incentivo à pesquisa e inovação de produtos na indústria, o que dificulta o desenvolvimento.

Brito Cruz afirmou que o Brasil gasta menos de 1% do PIB com pesquisa, enquanto países como EUA e Japão gastam cerca de 2%. Vera Schattan Coelho, pesquisadora do Cebrap e organizadora do evento, também participou do debate.

# Bolsa-Família terá maior integração, diz ministro do Desenvolvimento Social

DA REPORTAGEM LOCAL

O ministro do Desenvolvimento Social, Patrus Ananias, afirmou que o Bolsa-Família está entrando em uma nova fase de integração com outros programas sociais do governo, como o Luz para Todos e os relacionados a educação.

O objetivo, segundo ele, é ampliar as "portas de saída" dos programas, que possibilitariam aos beneficiários do Bolsa-Família abdicarem da ajuda do governo em um período menor.

Ananias afirma, no entanto, que o Brasil ainda precisará manter um programa assistencial do tipo por muito tempo.

"pois sempre teremos famílias que, por uma certa circunstância, estarão em situação de vulnerabilidade", disse.

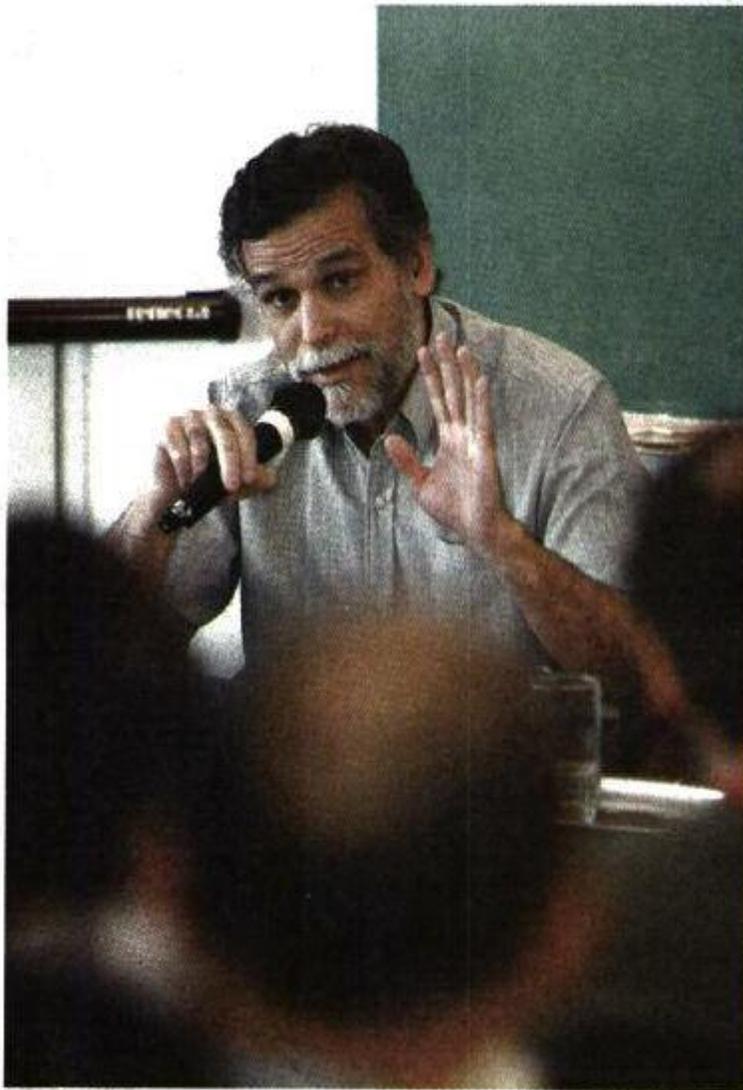
Ananias participou na quinta-feira do seminário "Pobreza no Brasil: O Que Fazer?", realizado na sede da **Folha**. Também discutiram o assunto Marcelo Neri, da FGV-RJ (Fundação Getúlio Vargas-Rio), Ricardo Paes de Barros, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e Sonia Rocha, do Iets (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade).

A conclusão geral da mesa foi que os níveis de pobreza e desigualdade no país diminuíram de forma significativa nos últi-

mos anos, principalmente até 2004. Mas existem dúvidas sobre se a tendência permanece com o mesmo vigor hoje.

Sonia Rocha diz que as maiores reduções, a partir de 1995, têm ocorrido na área rural. "Entre 2003 e 2004, no entanto, houve melhoria nas três áreas", afirmou.

O economista Ricardo Paes de Barros afirmou que a redução da desigualdade social continua sendo um fator de mais influência na melhora nos indicadores sociais do que a própria taxa de crescimento. Para Marcelo Neri, é bastante provável que 2006 traga um novo ciclo de aumento da renda.



Zander Navarro participa de seminário sobre pobreza em SP

## Sociólogo faz plano contra desigualdade

DA REPORTAGEM LOCAL

Zander Navarro, professor da Universidade Federal do RS, lançou ontem, durante um dos debates sobre pobreza, desigualdade e desenvolvimento, no Cebrap, um plano para "produzir mudanças visíveis e substanciais de acesso à riqueza" em "um mandato presidencial".

Seguem os itens da fórmula para "eliminar entre 25% e 30%" do número de pobres: 1- Realizar política de reforma agrária agressiva no "polígono da seca"; 2- Investir em modernização tecnológica para a agricultura familiar do Sul; 3- Exigir contrapartida do agrobusiness pelo financiamento do governo; 4- Refazer o "arranjo institucional" do mundo rural.